

JÁ ESTEVE MAIS LONGE

Um casal de namorados sentados lado a lado numa esplanada. Na mesa dois copos de pé alto com vinho branco, uma placa de xisto com sortido de queijos, uma faca e uma pequena cesta de verga com oito fatias de pão. São quatro da tarde. Está calor. O prédio alto e envidraçado a negro que se encontra à direita protagoniza uma sombra agradável, fresca e moderna sobre o casal.

H é Homem. M é Mulher.

Inspiram.

M – Sábado. Parece que o corpo sabe qual é o dia da semana.

H – Achas que consegues?

M – Não.

H – O que começa mal já não se endireita.

H. bebe.

H – Vai ter que começar do zero.

M – Gostas daquelas botas?

H – É uma moda, vai passar.

M – Se eu comprasse umas iguais?

H – Acho que íamos ter que começar do zero.

M – Eu sei que tenho as pernas finas, mas aquelas botas talvez dessem para disfarçar.

H – É provável. Na rua, para os outros. Talvez.

M – Repara.

H – Estou a ver.

M – Está mais longe do que estava antes.

H – Não percebo esta moda dos bigodes.

M – Àquele até que não lhe fica mal.

H – Não vale a pena passar tanto tempo a falar mal das coisas se depois essas mesmas coisas, anos depois, se tornam moda.

M – Não eras tu que querias umas sapatilhas como aquelas?

H – Sim, era, mas já desisti. Já há muita gente a usá-las.

M. bebe.

H – E se eu deixasse crescer o bigode?

M. sem olhar para H.

M – Tens uma cara muito estreita. Acho que não te ia ficar bem.

H – Não te iria incomodar?

M – Achas que é agora?

H – Foi o que mais me fez impressão quando o meu pai morreu. Parecia que a única coisa que respirava era o bigode.

M – Assim não vai lá.

H – É incrível.

M – Aquela não é a tua colega de trabalho?

H – Quem?

M – Já passou, mas parecia mesmo.

H – Talvez.

M – Disseram que hoje ia chegar aos 34°.

H – Não deve estar longe.

H. bebe.

H – É de aproveitar.

M. bebe.

M – O que é que vamos fazer a seguir?

H – Não sei. O que é que te apetece fazer?

M – Queres sair daqui?

H – Acho que não, e tu?

M – Na verdade até queria estar longe daqui, mas está muito calor para querer alguma coisa.

H – Isso quer dizer o quê? Que vamos ficar?

M – Acho que sim.

M. bebe.

H – Se pudesses estar noutro lugar onde é que estarias?

M. tira o maço de tabaco do bolso esquerdo das calças.

M – Já fumaste quantos hoje?

H – É o segundo. Eu sei que estou longe de deixar de fumar.

M – Compraste esse maço quando?

H – Na quarta.

M – Já vai na terceira tentativa.

H – Mas está melhor.

M – Sim, mas ainda longe.

H – Querias estar onde? Não respondeste.

M – Estou bem aqui. Sonhar com outros lugares não te põe nesses lugares nem tão pouco faz com que esses lugares existam verdadeiramente. Agora estou aqui e tenho quase a certeza que ninguém, neste preciso momento, desejou estar aqui. Aposto que preferiam estar em frente ao mar nalguma ilha paradisíaca. Aqui sei que tenho espaço, talvez noutro lugar não tivesse.

H – Sinto-me bem aqui contigo.

H. bebe.

H – Nunca foste muito sonhadora.

M – Não.

H – É uma perda de tempo.

M – Já experimentaste algum?

H – Não.

M. pega na faca, corta um pedaço de queijo, coloca-o em cima do pão e come-o.

H – Se não fosse aquele prédio já tínhamos derretido. As árvores não fazem melhor serviço.

M. mastiga e acena com a cabeça como quem concorda.

H – Eu gosto de sonhar, tu sabes disso. Gosto mais de sonhar do que pensar. Já não sei onde li isto mas quem sonha muito não pensa tanto e vice-versa.

M – Fui eu que te disse isso.

H – Foste?

M – Sim.

H – Já não me lembrava.

M – Tens muito essa mania de acares que leste coisas quando na verdade fui eu que as li, que as disse ou que as vivi.

H – Não faço por mal.

M – E também já reparei que fixas mais o que os outros dizem do que aquilo que eu digo.

H. olha pela primeira vez para M.

H – De onde é que vem essa agora?

M. olha pela primeira vez para H.

M – São coisas que me incomodam.

H – Sim, eu sei, isso já percebi, mas porque é que achas que este é o momento para me despejares essas coisas?

M – Porque quando há qualquer coisa que me incomoda não consigo guardá-la por muito tempo. O que tenho para dizer, digo logo.

H – Certo, mas porquê agora? É isso que estou a tentar perceber?

M – Porque depois pode ser demasiado tarde e eu posso já estar longe.

H. deixa de olhar para M.

H. bebe.

M – Não faças agora a cara de amuado porque não é preciso. Prefiro dizer-te aquilo que sinto para depois não ser acusada de não o ter dito.

H – Eu juro que já não me lembrava que tinhas sido tu...

M – O problema é que nunca te lembras, mas se fosse outra pessoa já te lembravas.

H – Estamos longe do problema.

M – Não creio. Se queres que te diga acho que o problema é precisamente este.

H. bebe.

M – Mas deixa, esquece, continua lá a sonhar com outros lugares e a inventar histórias que não viveste.

M. volta a cortar mais um pedaço de queijo, coloca-o em cima do pão e come-o.

H – Até quando?

M. mastiga.

H – Acho que nunca estivemos tão perto.

M – Sim, também acho.

H – E o que é que posso fazer?

M – Estares mais atento e deixares de sonhar tanto.

H. olha para M.

H – E se eu fizer isso, depois, o que é que fica de mim?

M. bebe.

M – Fica o essencial e o acessório desaparece.

H. fica contemplativo.

H – E tu ficarias na mesma...

M – Se tiveres alguma coisa a apontar-me, alguma coisa que te incomode, e se eu achar que tens razão então posso mudar. Tens alguma coisa?

H. fica calado.

M – Logo vi.

M. bebe.

M – Estás longe. Em que é que estás a pensar? Partilha comigo.

H. permanece em silêncio a olhar pensativamente para o prédio alto.

H – Estou a pensar no interior daquele prédio. A esta hora deve estar vazio. Computadores desligados, papéis arrumados, as costas das cadeiras encostadas às secretárias, gavetas fechadas à chave, fotografias da família ou dos amigos coladas aos biombos, souvenirs e postais das viagens dos colegas, um verdadeiro silêncio burocrático carimba neste momento todo o edifício.

M. bebe e continua a olhar para o prédio.

H – Pim! Oitavo andar. A porta do elevador abre-se. É apenas o segurança a fazer a ronda. 1 metro e 70, magro, cabelo castanho, farda preta, botas pretas, número 39, a cada passo ouve-se o som metálico do enorme molho de chaves que traz pendurado à cintura, o que lhe dá o aspecto de um vitelo a pastar pachorrentamente na pradaria. Tlic! A caneta electrónica lê o código de barras. O segurança dá meia volta, entra no elevador e segue para o andar superior. Ser segurança neste momento é isto: uma caneta electrónica que lê um código de barras e é esse código de barras que diz que está tudo bem, que não há ninguém no edifício, que tudo está seguro.

M – O código de barras não serve para isso. O segurança é obrigado a passar de quatro em quatro horas por aquele código de barras para que a central confirme que ele está a fazer a

ronda.

H – Como é que sabes?

M – Porque no meu escritório fazem o mesmo.

H – Então sabes do que estou a falar?

M – Perfeitamente. Continua. Ainda não percebi onde queres chegar, mas continua.

H. bebe.

H – Nesse mesmo oitavo andar, por onde o tal segurança acabou de passar, estão afinal duas pessoas fechadas num gabinete, em silêncio. Ela tem cabelos encaracolados, olhos castanhos, grandes, lábios grossos, cintura fina, lenço de seda creme ao pescoço, Hermes, vestido a condizer, uma grande racha até à coxa, deixando entrever as ligas da mesma cor sobre as pernas finas e, para rematar, uns sapatos pretos de salto alto, marca Ferragamo. Ele é mais novo que ela, cabelo louro, alto, magro, usa óculos de massa pretos, olhos azuis, mãos médias, no pulso direito duas pulseiras dos dois festivais por onde passou este Verão, ao pescoço um fino fio de ouro, oferta da avó, tronco depilado, sapatilhas brancas, calças de ganga de marca, camisa vermelha da Lacoste e, ao contrário da mulher, não trouxe nenhuma cuecas especiais para a ocasião, apenas uns modestos boxers brancos da Calvin Klein. Marcaram encontro no escritório. Ela é advogada de sucesso, ele um simples estagiário, bom aluno, gosta de surf, de ir ao ginásio e só fuma ao fim-de-semana quando sai com os amigos.

M. olha para o relógio.

M – Dentro de alguns minutos ela terá o primeiro orgasmo na mesa do escritório. Ele vai conseguir aguentar-se. Ela terá ainda mais dois orgasmos, até ele não conseguir mais e finalmente vir-se. Ela estará suada, ele exausto, mas confiante e orgulhoso por se ter portado tão bem. Por isso, ele terá moti-

vos para sorrir. Até talvez se recordará da sua actual namorada e de como fazer sexo com ela é um momento tão chato e convencional. Trinta minutos de bom sexo, pensará ela. Ao pensar nisto ela abrirá os lábios, como quem morre de sede, e penderá a cabeça para trás. Ele dar-lhe-á um prolongado beijo no pescoço. Ela arrepiar-se-á.

M – Vou à casa-de-banho.

H – Não, espera. Fica mais um pouco. Não tires já. Aproveita o momento. Relaxa. Dirá ela.

M – Já acabaste com o teu devaneio?

H – Foi precisamente há uma semana, a esta hora, ali, naquele edifício que agora nos faz sombra, que tudo aconteceu.

M. levanta-se enfadada.

H – Olha!

M. vira-se para trás e olha-o.

H – Finalmente conseguiu estacionar.

M. olha para o carro, que estava desde o início a tentar estacionar, e entra no café.

H. bebe.

H – Traga-me a conta, por favor.

Empregado – Aqui está.

H – Obrigado. Já agora tem uma caneta que me empreste?

Empregado – Aqui está.

H – Obrigado.

H. escreve nas costas do recibo.

H. deixa a caneta atravessada sobre o recibo, levanta-se e vai embora.

M. chega, vê o recibo e lê a mensagem.

“O segurança fui eu. Tlic!”